



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
(IHDRGS)

Ano 2006 Especial 20 anos do IHTRGS Nr 31

Neste número:

- Transcrição de um trecho do livro “Amores de Canabarro”, de Othelo Rosa;
- Transcrição de um trecho do livro “Tentativa de Independência do Estado do Rio Grande do Sul”, de Luigi Nascimbene.

OTHELO ROSA, CANABARRO E PORONGOS

Excerto do livro “Amores de Canabarro”, de Othelo Rosa

Luiz Ernani Caminha Giorgis (organizador)(*)

A SUPREMA RAZÃO

Ribas do Candiota. Clara, linda manhã de primavera. Sol lustroso e bom. Gorgeios de aves. Seis homens, sisudamente, deliberavam. Falava, cada qual, por sua vez, pausado e grave. Sem que eles o quisessem, as suas palavras revestiam-se de solenidade.

Canabarro. Netto. Um velho, reforçado de corpo, de olhos inteligentes, com uma grande tristeza estampada na fisionomia: José Gomes de Vasconcellos Jardim, vice-presidente da República. Um homem alto, simpático, de olhos grandes e bondosos, com uma expressão de lealdade e de bravura em todo o seu tipo genuíno de gaúcho: João Antônio da Silveira, general, comandante da 2ª divisão. Dois ministros: Manoel Lucas de Oliveira, de estatura baixa, desembaraçado, de fronte espaçosa e olhar expressivo; Padre Chagas, mais alto, inquieto, nervoso, único que, de quando em quando, interrompia o interlocutor. Gomes Jardim falou:

- Façamos, pois, o acordo. Bento Gonçalves, que não pode vir, está por ele. Temos sido infelizes: vencidos em Pirajú, vencidos em Sant’Ana... – Teve um silêncio penoso; e, com esforço, com emoção indisfarçável, arrematou: - Sou pela paz. E disse Antonio Netto: - A província está esgotada. O Rio Grande tem sofrido muito. Para assegurar o futuro, a prosperidade da minha terra, estou pronto a um sacrifício. Dentro de condições honrosas, aceitarei a paz.

Manoel Lucas de Oliveira acrescentou: - Aceito-a também eu. Voltaremos, sem desdouro, à comunhão nacional. Não somos uns vencidos: e a semente está lançada...E João Antônio: - Para uma paz imposta pelo governo do Império, com sacrifício dos nossos direitos, e dos nossos companheiros de luta, só tenho uma resposta: é esta. – E bateu, com gesto varonil, no punho de sua espada. – Paz de irmãos, paz de homens de bem, de igual para igual, útil ao País e útil ao Rio Grande, esta terá o meu voto.

Para Chagas já expressara, em frases incisivas, intercaladas no diálogo, o seu pensamento: estava pelo acordo em bons termos, com o governo de Pedro II.

E Canabarro falou: - Quem nos propõe a paz é o Império. Muitas vezes recusei-a. Pelas armas não seremos vencidos nunca. Piraju, Sant'Ana, escaramuças sem importância. Os caramurus jamais aniquilarão os republicanos rio-grandenses, forçando-os a pedir misericórdia. Hoje, porém, aceito a pacificação, pactuada com dignidade. E sabem porquê? De um bolso interno da blusa tirou um papel dobrado e passou-o aos circunstantes. Um a um, em profundo silêncio, leu o documento. Canabarro prosseguiu: - É uma carta de Rosas. Faz mau juízo de nós, o malvado ditador de Buenos Aires. Oferece o seu auxílio à República de Piratini em dinheiro, cavalos, armas e munições, em troca do nosso auxílio a ele, em guerra que vai fazer contra o Brasil. Um trato com o diabo...

- Há que dar-lhe resposta, exclamou, assomado, João Antônio; mas Canabarro interrompeu-o, com um de seus intraduzíveis sorrisos: - Já lhe dei a resposta, amigo. Conheço bem a minha gente. Respondi a Rosas que, no dia em que os castelhanos aparecessem nas nossas fronteiras, aí encontrariam os farrapos ombro a ombro com os imperialistas, para defender da invasão estrangeira, como bons brasileiros, o chão da nossa Pátria! Sorriram, todos, desopressos, orgulhosos. Canabarro achegou-se a Gomes Jardim e inquiriu:

- O major Antônio Vicente da Fontoura poderia ser o nosso emissário, o nosso representante junto ao Governo do Império. Já estive com o Caxias. É homem sabedor e bom republicano. Que lhe parece? Gomes Jardim aquiesceu, com um gesto leve de cabeça.

NO SERRO DOS PORONGOS

E as notícias de próxima paz adejavam sobre eles, quando os farrapos acamparam no serro de Porongos. Dias antes, nas confluências do Candiota, como narramos, ficara assentada a mediação. Vasconcelos Jardim, vice-presidente da República em exercício, Canabarro, comandante-em-chefe, Manoel Lucas de Oliveira, ministro, e os generais Antônio Netto e João Antônio, em reunião a que fora presente a figura inquieta e nervosa do Padre Chagas, haviam resolvido entabular negociações para um acordo com o governo do Império, em vista dos promissores resultados da conferência preliminar que em Bagé se realizara, em 06 de novembro, entre o Barão de Caxias, Antônio Vicente da Fontoura e o mesmo Padre Chagas, e principalmente das ameaças, que aumentavam dia a dia, das bandas do Rio da Prata. As atoardas corriam entre as fileiras. E fora sob tais auspícios que a marcha se fizera, nos últimos dias, guiada pelo valoroso Portinho, vanguardeiro de porte e nomeada.

Sítio desolado e agreste, de vegetação mirrada e rarefeita, e solo pedregoso, aquele serro dos Porongos. Na harmonia e na beleza da campanha gaúcha, ele destoava e sobressaía, numa saliência desconsolada e triste. E teria, de certo, para os farroupilhas que sobre ele armaram as suas barracas e os seus fogos acenderam a significação de um mau presságio, se a alma não lhes sorrisse a esperança de uma paz feita com honra. Parece, entanto, que ali estanciam, desde o general ao mais humilde soldado, de coração desopresso. A vigilância afrouxara um tanto: o velho guerreiro, outrora de afamada precaução e diligência, sem par, enredado, em malhas de paixão funesta, deixara de ser o chefe incansável que tudo previa e a tudo provia, com argúcia e zelo incomparáveis: e tal, e tão alto exemplo, influía e pesava sobre todo o exército. Demais, já havia entendimentos de paz; e essa contribuiria, sem dúvida, para que sobre os negócios da guerra diminuíssem as cautelas. Sem embargo, não eram boas as notícias que os chasques traziam ao Quartel-General republicano.

Portinho, que avançara até o Quebracho, guerrilhava. Canabarro enviou-lhe reforço, ficando em Porongos com força pequena, não excedente de 600 homens. E a 13 de novembro chegara a triste nova de que o valente Manduca Polvadeira como um valente morrera, em

peleja renhida com gente de Chico Pedro, o ardiloso “Moringue”, que de Pelotas avançava, com hostes numerosas. Antônio Netto, suspicaz, entrou a receiar ataque e desastre. E foi, nesse mesmo dia 13, à barraca de Canabarro, transmitir-lhe os seus receios e as suas previsões.

Belo tipo de homem, o proclamador da República de Piratini. Não sendo de alta estatura, era robusto, de porte erecto e elegante, que ele fazia destacar com um maior cuidado no vestuário. Tinha maneiras distintas, que revelavam excelência de cultura sobre os seus pares. A frente, espaçosa e ampla, e o olhar sereno e firme, denotavam decisão e energia. Andava habitualmente fardado, montando cavalos finos, aperados com luxo. Era notória, aliás, a sua predileção pelas “carreiras”, que o cancioneiro do tempo lembrava nessa quadra:

“Senhor Netto, vá s’imbora,
Não se meta a capadocio.
Vá tratar dos parceiros
Que fará melhor negócio”.

Canabarro, na sua barraca, ouvia um de seus ajudantes de ordens – Pereirinha – que lhe estava fazendo o relato das notícias levadas ao acampamento pelo último próprio, quando Netto chegou. Levantou-se o general em chefe e recebeu, de boa sombra, o vencedor de Seival. Não eram das melhores as relações entre os dois cabos de guerra. Da luta, de que resultara a renúncia de Bento Gonçalves e a ascensão de Canabarro, e que envolvera Netto, chefe do estado-maior daquele, restara, entre eles, malquerença mal dissimulada. Nobremente, Netto, em prol da República, calara ressentimentos e prevenções e se submetera ao comando de David, seguindo o admirável exemplo de desprendimento e de superioridade moral de Bento Gonçalves, a esse tempo também subordinado, na hierarquia militar, ao tenente que sob as suas ordens combatera, em 1827, na 2ª Brigada de Cavalaria, na batalha do Passo do Rosário.

Netto expôs ao general as suas dúvidas. Não lhe parecia o local muito apropriado para uma permanência mais alongada do exército. Era pequena a força farrroupilha que restava em Porongos. Na direção de Bagé, Portinho estava em contato com os imperialistas. Do lado oposto, era evidente a aproximação do inimigo, de que era prova certa o recontro do bravo Polvadeira com Fidelis Paes, o conhecido vanguardeiro de Chico Pedro. Era de receiar-se, assim, que o “Moringue” estivesse a tecer uma de suas velhas tramas, no intento de bater os farrapos em Porongos, antes da junção de outros elementos. (grifo do Org.) Julgava conveniente, portanto, que se mudasse de acampamento, marchando-se em direção de outras forças farrapas, ou que se tomasse precauções maiores, no sentido de evitar um golpe de surpresa do adversário. Canabarro ouviu atentamente, com um leve sorriso a perpassar-lhe nos lábios grossos, de cabeça sempre um pouco baixa, sem fitar o interlocutor. Demorou a resposta: sorveu, antes, uma ou duas vezes, o chimarrão que estava tomando, em uma linda cuia, guarnecida de prata:

- “Homem, amigo Netto, si o “Fuinha” (Moringue) nos tirasse d’aqui, nada perdíamos: os campos estão magros e feios e o gado anda na espinha... Mas o Chico Pedro está muito longe: por mais que force as marchas, demora a chegar. E a mim, general Netto, a astúcia do homem não assusta: nunca me surpreendeu, e nunca me surpreenderá”.

Netto, certa vez colhido de inopino e desbaratado por Chico Pedro, compreendeu a ironia dessas palavras. Inalterável, porém, limitou-se a replicar:

- “O general saberá como deve proceder, melhor que ninguém. Se fiz a advertência, fui levado por informações de algumas pessoas recém-chegadas ao acampamento, e pelo meu

interesse por uma causa, que é de todos nós”. Nas últimas palavras, a seu pesar, a voz tremia-lhe um tanto. Canabarro percebeu a irritação latente e procurou acalmá-la, jeitoso:

- “Bem sei, amigo, bem sei. E muito lhe agradeço o aviso. Olhe, vamos tomar este amargo que o Joaquim está cevando e conversar melhor”.

Daí por diante foi cordial a palestra. E quando Netto retirou-se, Canabarro, batendo-lhe alegremente no ombro, proferiu esta frase, que a tradição guardou e rememora: -“Não há perigo, general. O Moringue, sentindo a minha caatinga, não vem cá”! Os oficiais que estavam em torno riram gostosamente. Netto sorriu, com discreta polidez. E, despedindo-se, tomou o rumo de sua barraca. A tarde caía, merencórea, sobre o sítio desolado e agreste de Porongos. Mais triste parecia ele, no quietismo imenso do crepúsculo. E o silêncio das coisas pairava, presago, sobre o acampamento, há pouco cheio de vozes, de rumores e de vida. Netto, de cenho carregado, deu ordem para que se pegasse, sem tardança, os animais, e assim passasse a noite a sua gente: de cavalos pela rédea.

A SURPRESA

E a noite desdobrou sobre a paragem agreste de Porongos o seu burel de sombra. Ao brilho incerto das estrelas tremeluzentes em um céu sem luar, dormia o acampamento. Aqui e ali, em derredor de fogões ainda acesos, pequenos grupos de retardatários chimarreavam, palestrando sobre o assunto do dia, que era a próxima paz. Antônio Vicente da Fontoura, sabiam-no todos, aprestava-se na sua barraca para seguir no outro dia para o acampamento do Barão de Caxias, d’onde partiria para o Rio de Janeiro como embaixador da República de Piratiny junto ao governo do Império. E os velhos, gloriosos legionários gaúchos teciam, em torno desse fato, variados comentários. A alguns, docemente sorria a idéia do retorno ao rancho, há tanto abandonado, e à família, mal entrevista, há anos, no intervalo das refregas. Descriam, outros. Que se poderia esperar desse governo, que do Rio Grande se esquecerá sempre, ou dele se lembrara apenas para impor-lhe sacrifícios, vexações de toda a ordem? A submissão absoluta e vergonhosa dos Farrapos? Não a teria ele, certamente, refletiam os soldados farroupilhas, olhando as usas lanças, como se nelas vissem a salvaguarda suprema do seu direito e da sua liberdade. Não pactuariam assim, com desaire e desonra, os chefes impeterritos que durante dez anos tinham emblemado soberbamente a alma heróica do Continente. Estava longe, a paz...

E a noite avançava, na sua ronda de treva e de silêncio. Noite propícia à cobardia das emboscadas, ao imprevisto das surpresas desumanas. Não a aclarava a luz do luar, esse luar aberto e bom que se despenha, como uma benção, sobre as coxilhas gaúchas: nem tão pouco a escuridão era insondável. Ao brilho difuso das estrelas, as coisas todas tomavam formas extravagantes e bizarras, indefiníveis ao mais prescrutador olhar. A pouco e pouco ia morrendo todo o rumor, no campo farroupilha. A respiração ofegante de centenas de homens entregues a um sono profundo de fadiga, perdia-se no espaço, como esquisita cadência. De vez em vez, um pio sinistro de coruja recortava a noite, como agourenta advertência.

E os farrapos dormiam, mais tranqüilos, porque a esperança da paz sobre eles adejava...Entretanto, pela sombra da noite, passava um ruído presago, confuso, indistinto. Não se ouvia, é certo, o retinir de armas, nem o tropel de patas de cavalos, nem o ruído metálico das barbelas e dos freios; mas alguma coisa avançava, irreconhecível e fantástica, sobre o acampamento.

Na barraca do general em chefe havia luz. À porta, a um lado, Joaquim, o escravo fiel, velava, envolto no seu velho “bichará”. De súbito, a figura hercúlea de Canabarro exsurgiu, cautamente: prescrutou em torno; e deslizou depois, sutilmente, até desaparecer em outra

barraca...Joaquim, o velho escravo, seguira atentamente, de olhos bem abertos, o vulto do general, até vê-lo diluir-se na sombra daquela tenda misteriosa...Abanou repetidas vezes, e tristemente, a cabeça; e nesse instante pareceu-lhe ouvir, longínquo, na linha afastada das sentinelas, o estertor de angústia de um homem surpreendido. Soergueu-se nos arreios. Escutou, algum tempo. E depois, caminhando de leve entre os soldados que dormiam ao relento, foi ao lugar em que estava, amarrado à soga, o baio ruano de Canabarro, enfrenou-o e trouxe-o para perto da barraca, quietamente, e quietamente ali ficou, como um cão fiel.

Noite velha. Dormiam os farrroupilhas, no sítio desolado e agreste de Porongos. E tão fundo era o seu sono, que a esperança da paz acalentava, que não pressentiram a morte que deles se avizinhava, embuçada na treva e na perfídia.

Súbito, de um dos lados do acampamento, que entestava aí com um pequeno pinheiral, rumorejante à brisa da madrugada, ouviu-se um grito de alarma, seguido de imediato por um surdo rumor de cavalgada, de luta, de entrevero. E sobre o campo dos farrapos caiu o pânico, e a confusão caiu. Os soldados, mal despertados ainda, erguiam-se estonteados, sem compreender bem o que se passava, até que ouviram, da banda de onde viera o alarma, vozes que bradavam, em tom de desespero: - O "Moringue"! O "Fuinha"! Chico Pedro, o temível Chico Pedro, surpreendia enfim, o vigilante Canabarro! Durante quatro noites marchara celeremente, ocultando de dia a sua força nos matos e restingas; amarrara os punhos das espadas e as barbelas dos freios; proibira os soldados de fumar; e assim viera, sorrateiro e cauto, despertar tragicamente o acampamento, cujo sono uma esperança de paz acalentava...Fidelis Paes, o seu terrível vanguardeiro, suprimindo além, no golpe da surpresa, sentinelas descuidosas, insinuara-se de manso, com tática felina, no campo adormecido: e foi já tendo entre eles inimigos que os farrapos despertaram. Nem todos: muitos deles passaram, sem um gesto, para o sono final. E os que acordavam, na alucinação do trágico momento, ou caíam como heróis, em peleja desigual e rápida, ou viam-se aprisionados, sem tempo sequer de sopesar uma arma. Refluíram, da direita, os farrapos que tentavam ainda combater, em um lance de homérica bravura: e foi então que do lado oposto surgiu o próprio Chico Pedro, à frente de força maior, entre o fragor de descargas sucessivas. Era a surpresa total, o envolvimento do exército farrroupilha, a derrota inevitável: chegara a hora tremenda do "salve-se quem puder".

Netto, num olhar de águia, relanceou a situação. À frente de seus homens, únicos apercebidos para o prélio, opôs ao inimigo a resistência humanamente possível, assegurando aos demais algumas possibilidades de luta e retirada. Em meio da confusão e da desordem inenarráveis era admirável vê-lo, no dorso do seu brioso douradilho, de espada em punho, na heróica tentativa da salvação de seus irmãos d'armas. Os seus olhos perscrutavam ansiosamente a escuridão: onde estavam Canabarro, João Antônio, generais como ele, cujo aprisionamento, ou cuja morte, seria para a República perda irreparável?

E foi então que o lutador glorioso estacou, emocionado, fremente de orgulho, diante da sagrada grandeza desse sacrifício. Eram os lanceiros negros da República, os escravos humildes do Rio Grande. Haviam conseguido reunir-se muitos deles: e à voz vibrante de Teixeira Nunes, o seu legendário comandante, enfrentaram soberbamente o inimigo numeroso e forte. Enfrentaram-no: e sobre esse núcleo de homens o inimigo se despenhou, por muitas vezes, e por muitas vezes recuou, aterrado ante esse assombro de bravura. E enquanto os lanceiros negros, sem pavor da morte, pelejavam, obrigando o atacante a concentrar-se para vencê-los e dominá-los, os farrapos organizavam a retirada dos restos do seu exército.

Joaquim, a ordenança, mal se ouvira o grito de alarma, levando pela rédea o baio ruano, correrá para a barraca misteriosa em que, horas antes, desaparecera Canabarro. O General em chefe surgia em breve à porta da barraca. Prestara ouvidos ao tumulto, que crescia, e às vozes distantes; a exclamação: “o Moringue!” chegara até ele. Atônito, dera dois passos à frente, como quem não acreditasse. Um suor de angústia rorejou-lhe a fronte, ao compreender a realidade, a brutal, dolorosa, realidade da situação: deixara-se colher, inerte quase, num ataque de surpresa e via, naquele horrível instante, os seus soldados debandarem, perseguidos como feras, ou inutilmente caírem, em peleja sem esperança. Instintivamente, segurou as rédeas do cavalo, que a ordenança levava. Uma brusca indecisão, porém, tolheu-lhe os movimentos: olhou com aflição para a barraca de onde saíra... Tudo compreendeu Joaquim: correu em busca de mais cavalos, amarrados perto. E não tardou que um vulto de mulher desaparecesse na treva, em precipitada, frustrânea tentativa de fuga. Um oficial, montado, correrá para Canabarro: era o seu ajudante de campo, Pereirinha (Antônio Caetano Pereira). Outros seguiram-no. Canabarro cavalgou o seu baio ruano; desembainhou a espada; e atirou-se, a galope, para o lugar em que a gente de Netto, combatendo ainda, retirava em relativa ordem, seguida pelos lanceiros negros de Teixeira, que recuavam lentamente, palmo a palmo, vendendo caro a vida. Em torno, estertores de morte; brados de angústia; ameaças terríveis; choques corpo a corpo; exclamações de vitória; tropel de cavalos; rebrilho de espadas e de lanças; estridor de descargas espaçadas.

Mais de cem cadáveres de republicanos juncavam a terra pedregosa do sítio sinistro de Porongos. Mais de trezentos prisioneiros ficavam entre os legais e, entre eles, cerca de trinta oficiais, e um ministro da República (José Francisco Vaz Vianna, ministro da Fazenda); armamento numeroso, grande cópia de munições, cavalcada grande, arquivo, e até gloriosas bandeiras tricolores, constituíam os troféus da vitória dos caramurus. Batido, destroçado, o exército farroupilha, reduzido a menos da metade, afundava no mistério da noite. Era um fantasma que infundia medo, sem embargo da derrota: não o perseguiu o inimigo triunfante, cujo maior astuto (Moringue) escreveria mais tarde que não o fizera por estarem estranzilhados (estafados) os cavalos das forças legais.

Nota do organizador: conforme Alfredo Ferreira Rodrigues: *“Nesse mesmo dia (Canabarro) oficiou a Caxias, declarando estar disposto a continuar de novo a luta, em vista do inesperado ataque de Chico Pedro, exatamente quando ele estava cuidando da partida dos negociadores da paz. Caxias, admirando a arrogância e a altivez daquele homem que, não se querendo confessar vencido, abria mão da paz pactuada...”*

O CARTEL DO FARRAPO

Ao meio-dia de 14 de novembro de 1844, na recosta de uma coxilha, no município de Piratini, Davi Canabarro, general-em-chefe das forças farroupilhas, contemplava silenciosamente os destroços do exército da República de Piratini. Não era mais um acampamento. “Aduar de ciganos”, o chamaria alguém. Uma aglomeração desordenada de homens. Poucos fogões acesos, onde se assava um ou outro pedaço de carne. Na retirada precipite e tumultuosa, tudo se extraviara e tudo se perdera. Os vencidos iam, pouco a pouco, reunindo-se naquele sítio, em que aguardariam a chegada da gente de João Antônio, que menos sofrera no desastre, que seria o núcleo da recomposição do exército farrapo, e que estava mui próxima. Canabarro olhava silenciosamente a cena. A seu lado, pensativo, o general Netto, a si mesmo perguntando o que faria, em face da derrota tremenda, o comandante-em-chefe. Na fisionomia expressiva e rude de Davi exteriorizavam-se claramente

as emoções de sua alma. Se revelava um sofrimento concentrado e fundo, revelava também uma resolução firme, quase feroz.

-Tinha razão, general Netto. Deixei-me pegar, como um recruta.

- Na guerra, como na guerra (sic). Todos nós estamos sujeitos a um revés.

-Tive culpas. Não as nego. Descansei demais na boa fé dos caramurus: não se poderia esperar um ataque de surpresa quando já estávamos em negociações de paz. Mas se o Caxias pensa que nos mete medo, e que lhe vamos pedir misericórdia, engana-se. Chamou um de seus ajudantes; e determinou que se expedisse imediatamente ao Barão de Caxias o seguinte ofício:

“O exército republicano tinha sido atacado de surpresa, no Serro de Porongos, e destruído, justamente na noite em que os farrapos, acreditando na lealdade do adversário, viam o seu emissário, no acampamento, preparando-se para seguir para o campo inimigo, a ultimar entendimento de concórdia; vencidos os republicanos, em encontro de tanta monta, parecia que aceitavam a paz forçados, incapazes de continuar a resistência e a luta; os republicanos do Rio Grande, porém, fossem quais fossem as circunstâncias em que se encontrassem, não pediriam benevolência ou piedade ao governo do Império; em tais condições, o general-em-chefe dos farroupilhas declarava ao comando superior do exército legal que tinha por terminadas e rotas as negociações de paz entabuladas, e que as operações de guerra seriam desde aquele momento intensificadas”.

Foi este o soberbo cartel de desafio lançado ao Império do Brasil por Davi Canabarro, no dia 14 de novembro de 1844, de uma encosta de coxilha, no município de Piratini, à frente de 200 gaúchos, quase desarmados, quase a pé! E o Império recuou, assombrado, deixando na arena o guante desses heróis: Caxias, mais uma vez monologando, que homens de tal porte nunca seriam submetidos pelas armas, respondeu a Canabarro que o ataque se fizera porque não se ajustara nenhuma suspensão de armas; que Chico Pedro não tinha conhecimento das negociações iniciadas; e que ele, Caxias, estava disposto a continuar o entendimento, nas mesmas bases e condições estabelecidas antes da surpresa de Porongos – réplica que evitou a ruptura do acordo, e permitiu a viagem de Antônio Vicente da Fontoura ao Rio de Janeiro.

Assinado o ofício, que Netto aprovou com alegria, Canabarro dispôs que se mandasse ordem a todas as partidas republicanas para se reunirem em um ponto dado; e que se desse ciência a Bento Gonçalves do ocorrido, para que este operasse também a junção da sua força.

-Mal chegue o João Antônio, vamos sair em perseguição do “Moringue”, general. Elle fez muitos prisioneiros e terá que dividir a sua gente, para tirá-los de perto de nós. E aí lhe cairemos em cima. O desastre parecia ter infundido novas energias em Canabarro. Desdobrava-se, incansável, a sua atividade. Nunca parecera tão confiante, tão seguro de si, do que nesse dia, que todos suporiam de desconforto e desânimo. Era realmente de bronze a vontade desse homem. Pereirinha fez-lhe o balanço da derrota. Mais de cem mortos; cerca de trezentos prisioneiros, afora aqueles que porventura tivessem logrado escapar-se e que viriam, lentamente, reunir-se ao exército; grande cópia de armamento e munições; arquivo; cavahada...

-Com a chegada do João Antônio, e de outros grupos, nos rebuscaremos de tudo que nos falta. Hoje mesmo teremos de marchar.

-Entre os prisioneiros, ficaram o cirurgião João Duarte e a mulher, ajuntou, com alguma malícia nos olhos, o ajudante de campo. Quase imperceptivelmente, Canabarro estremeceu.

Mais carrancudo, depois de breve pausa, acrescentou: -Nada lhes acontecerá. O Duarte é esperto...

Em um alto próximo, surgiram cavaleiros: avançadas de João Antônio. A elas se seguiu, em breve trecho, o grosso da força, em marcha acelerada, que os farrapos, aqueles indômitos soldados, receberam com “vivas” e aclamações alegres. E Canabarro, com Antônio Netto e o general recém vindo, esteve combinando os planos da campanha que se ia reiniciar, com entusiasmo e atividade maior, embora o desastre que todos acreditariam fatal para a República. Têmpera de aço, a dos varões de 35!

Nota do organizador: conforme Felix de Azambuja Rangel, ajudante de campo de Chico Pedro: *“Canabarro deixou no campo 300 prisioneiros e, entre eles, um indivíduo de nome João Duarte, (...) com sua mulher e duas canastras, a quem Chico Pedro deixou ir-se, por haver dito ser o médico das forças de Canabarro”.*

NÃO CONVÉM MULHERES...

À meia-tarde desse mesmo dia, lentamente se aproximava do sítio em que tinham concentrado os farrapos, uma carretilha – aquela carretilha que acompanhava o exército republicano, ao início desta narrativa, nas margens do Sarandy. Dentro dela, João Duarte e Maria Francisca. Havia caído prisioneiros das forças imperiais. A tentativa de fuga, que o negro Joaquim propiciara, frustrara-se de todo: perdidos na confusão e na treva, tinham ido parar justamente às mãos do atacante.

Quando aclarara o dia, Chico Pedro, percorrendo o campo do combate, surpreendera-se vendo aquele casal, melancolicamente postado junto a uma canastra. Perguntara quem era. E João Duarte lhe respondera ser o cirurgião das forças de Canabarro, o que foi confirmado por outros prisioneiros. O terrível “Moringue” meditou por instantes: lembrou de que lá, entre os vencidos, haveria feridos, carecendo de assistência. E afinal, na sua voz aflautada e fina, gritara ao farmacêutico: - Pois se é cirurgião, vá tratar dos feridos da sua gente. Está solto: vá embora. João Duarte não esperara segunda ordem: reapossou-se rapidamente da sua carretilha, nela meteu a mulher e as canastras e afastou-se imediatamente de Porongos, na direção aproximada que os farrapos tinha tomado. Adiante, fácil lhe foi obter informações. E a ele se agregaram mesmo alguns fugitivos, que se tinha atrasado.

Ao embarque das canastras não se opusera ninguém, no acampamento legal, na suposição de que elas contivessem medicamentos, ou objetos pessoais do cirurgião e de sua mulher. Horas depois, quando se tornara impossível qualquer perseguição, um oficial republicano, em tom de gracejo, disse a Chico Pedro: - Coronel, o Sr. Mandou embora o cirurgião e deixou que ele levasse as canastras? O futuro Barão de Jacuí confirmou. – Pois antes deixasse ir a mim, do que aqueles baús: neles estava grande parte da correspondência do General Canabarro. Praguejou o Moringue, dando-se aos diabos pela inadvertência. Em um gesto que era habitual, bateu repetidas vezes com o pé direito no chão. Olhou ainda, com uma derradeira esperança, a linha do horizonte. Era tarde. E Chico Pedro gracejou também, com o seu alegre prisioneiro: - Eu devia mandar bota-lo nas quatro estacas, por me ter informado tão foras de horas. Prefiro, porém, mandar dar-lhe um churrasco: vocês, os rebeldes, andam meio desbarrigados. João Duarte, que entregara as rédeas da parelha a um dos soldados fugitivos que se lhe ajuntara, ia rindo sozinho da peça que pregara ao “Fuinha”. Se este adivinhasse quantos papéis de importância estavam ali, naquelas duas canastras...E antegozava a satisfação de Canabarro, quando ele lhe restituísse aqueles documentos, salvos do naufrágio pela sua astúcia. Ia triste, Maria Francisca. Uma sombra de apreensão velava os seus olhos negros e profundos. Respondia por monossílabos às indiscretas expansões do marido. E

fechava-se em grande mutismo, olhando vagamente a paisagem, a desolada paisagem daquele recanto do Rio Grande.

Canabarro salvara-se. Ouvira, no campo legal, que nenhum dos generais republicanos ficara prisioneiro. Pensara-o perdido, naquele instante terrível em que ele saíra da sua barraca, e dos seus braços, para a confusão e para o tumulto indescritível daquele furioso combate na treva. Salvara-se, do inimigo. Para ela é que talvez estivesse para todo o sempre perdido. Compreendia nitidamente a situação delicada em que, há muito tempo, se encontrava. A má vontade, a antipatia dos farrapos, que à sua influência atribuíam certas fraquezas, certas negligências e desacertos de Canabarro. Era cada vez maior, mais evidente, mais agressiva. Canabarro, até então, resistira às alusões, às indiretas de seus companheiros de armas, conservando-a a seu lado. Ainda o faria, agora? A surpresa de Porongos fora golpe doloroso e profundo, de conseqüências enormes. Ela assistira à remoção dos cadáveres de republicanos, que excediam de cem. Ela vira o número extraordinário de prisioneiros de prisioneiros. E destes sentira, cravados nela, olhares de aversão e de ódio, como se a responsabilizassem pela derrota. Tal sentimento deveria estar, mais do que nunca, generalizado entre os farroupilhas. E o capítulo de acusação tornava-se agora tremendo, indestrutível.

E Davi? Que estaria passando na alma rude e violenta do caudilho? A sua fama de guerreiro era a coisa que mais prezava. De todos os chefes republicanos, era ele o único que não fora, até a véspera, colhido de surpresa pelo inimigo. Envaidecia-se com isso. E porque adormecera sobre o seu seio perfumado e quente esmorecera na atividade e na vigilância e deixara que um adversário manhoso infligisse aos farrapos uma derrota sangrenta! A consciência da sua responsabilidade deveria doer-lhe amargamente. Ela imaginava a revolta que estaria bramindo na alma impetuosa e bravia do amante. E Maria Francisca tinha medo. Já se divisava, perto, o lugar em que os farrapos tinham acantonado. Havia, entre eles, grande animação. Piquetes encostavam a cavallhada, que João Antonio levava, bem como outras pequenas partidas, que já se tinha reunido. E os legionários da República, sonhando com desforra próxima, aprestavam-se febrilmente para iniciar a marcha. As previsões de Canabarro tinham se realizado, informavam os esculcas: Chico Pedro dividira a sua força. Parte dela seguia para Pelotas, conduzindo os prisioneiros. A outra parte, comandada pessoalmente pelo Moringue, tomara a direção de Piratini. Sobre esta iam atirar-se os farrapos. E ardiam pelo ajuste de contas com o famigerado Chico Pedro.

Canabarro dava as suas últimas ordens quando o notificaram de que João Duarte chegara. Durante alguns minutos, caminhou sombriamente de um lado para outro. Mandou, afinal, chamar o cirurgião. E, em tom seco e breve, disse-lhe que as forças republicanas, diminuídas como estavam, e cercadas pelo inimigo poderoso, iam começar uma série de marchas forçadas, violentas. E, assim, deveria ele, na primeira povoação que passassem, deixar a sua mulher, que não poderia acompanhar o exército nas suas rápidas evoluções. Fisionomia fechada, num grande esforço íntimo, o general arrematou, quase desabridamente: - Não convém mulheres no acampamento. E dê lembranças à "dona".

MORTE DE HERÓI

Em torno do fogão aglomeravam-se, indistintamente, oficiais e soldados. No rosto de todos, curiosidade e tristeza. No rosto de todos, curiosidade e tristeza. Sobre as brasas, a chaleira "chiava". E duas cuias corriam a roda, com um chimarrão de topete. E o oficial farrapo, ajeitando o braço ferido, contou: - Não foi longe daqui. Ali, sobre o "Chasqueiro", quase no passo. Tínhamos feito, sem novidade, a diligência que o general mandara. Na serra do "Padre Doutor" tinha se peleado um pouco. Coisa de nada. E já se vinha de volta, trazendo cavallhada

boa. O Cel Teixeira, montado no lubuno, vinha calado e sisudo, como era jeito seu. Conversavam alguns que ele não queria saber de pazes com os caramurus. Não sei, mas o homem andava meio triste, meio esquisito. Alguma coisa, decerto, lhe bacorejava por dentro. Como o acampamento estivesse perto, ninguém pensava em encontrar inimigo por aquelas bandas. Pois o sotreta do Moringue estava nos espiando, dos matinhos, do arroio. E quando começamos a descer a coxilha, que dá para o passo, um bandão de imperiais se despencou por cima de nós, levantando polvadeira. Era gente “pra mais do pedido”. O chão tremia, nas patas dos cavalos. O coronel fechou a cara. Retirar, não se podia mais: gente de todo o lado. O remédio era brigar. Parada ruim, aquela. Um contra quatro. E nós, desprevenidos. Ninguém fugiu: a nossa gauchada botou mãos nos ferros e ali ficou, rodeando o coronel, pronta para “agüentar o tirão”. Teixeira me chamou e me disse: - Capitão, estamos mal. Eu vou pelear enquanto der, e você veja se pode ir se esgueirando, para salvar a cavahada. Nem acabou de dar a ordem. Os imperiais já estavam misturados. E o entrevero se fechou. O coronel pegou da lança, levantou o lubuno no freio e se atirou contra o inimigo. Parecia um temporal, caramba! A lança do homem alumiava e abria claro nos galegos. Não houve um tiro: pura arma branca! E cada lançaço, e cada golpe de espada, de estrompar um boi. Peleou-se de verdade. Os farrapos estavam como aspa de boi brazino: não se entregavam. Morriam ali, no duro, como homens de vergonha. E de vez em quando se via passar como um corisco o lubuno do coronel, no meio da desordem, e uma lança que alumiava. Parada ruim aquela: não havia coragem que chegasse. Até das macegas saía caramurú. E a nossa gente, no sacrifício, diminuindo, mermando... A voz daquele valente tremia de emoção represa. Um silêncio grande, solene, envolvia o grupo. As cuias de mate estavam esquecidas nas mãos dos ouvintes atentos e comovidos.

- Foi então que eu vi, pela última vez, o meu coronel. Um grupo de imperiais caiu sobre ele. Cercaram-no. E o homem, em cima do lubuno, se defendia como um tigre. O Manduca Rodrigues foi se chegando, se chegando, sorrateiro. Eu entendi o plano daquele maleva e cerrei esporas no cavalo para ir morrer com o meu comandante. Não pude. Quebraram-me o braço, lanceram-me o pingo e eu tive de ir recuando o brigando, para não cair nas mãos inimigo. Fui recuando, e fui vendo.

Vocês se lembram daquele negro alto cheio, de corpo, que era da confiança do coronel? Preto macanudo, de mais brio que muito branco. Quando viu o chefe cercado pelos caramurus, lançou-se contra eles como uma fera, e deu o que fazer. A dentadura do negro rebrilhava, no sarilho. E antes que o matassem, mandou vários para o outro mundo. De nada valeu. Estava escrito aquilo. Não tinha volta. O Manduca Rodrigues foi se chegando. Teixeira percebeu. Acuado como estava, tentou ainda atirar o lubuno para o lado dele. A lança se quebrara. E era de espada que o homem peleava, levando por diante os galegos. Parecia que tinha breve...Vi ainda, naquele entrevero doido, a cara do coronel. Tinha um riso escarinho, de provocação e de desprezo. Quando ele virou-se para um lado, o Manduca atirou-lhe a lança, firme e direita. O coronel retorceu-se, ferido. E a um prisco do lubuno, caiu do cavalo. Choveram os imperiais em cima dele. Em um último arranco, o homem se ergueu, cheio de sangue, e o inimigo mais perto conheceu ainda o fio da sua espada. Furiosos, desesperados, os caramurus gritavam: mata, mata! Não vi mais nada. Com o coração apertado, fui recuando e brigando. O oficial farrapo calou-se. E, na sombra do grupo, um gaúcho emocionado disse: - Morreu como um homem, o coronel Teixeira. Morte assim é de fazer inveja!

DERROTA DE CANABARRO NO CERRO DOS PORONGOS

(Excerto do livro de Luigi Nascimbene, Capítulo III, pág. 244)

Aquela depois, pela qual depois os imperiais mais se envaideceram, de 14 de novembro de 1844, no Cerro dos Porongos, onde Canabarro, sendo o general líder, pouco prático daquele lugares, não conseguiu, naquela marcha noturna, chegar onde tinha planejado, tendo errado o caminho. Por causa disso, ao alvorecer, com a gente cansada, enquanto davam-lhes confortos, foi imprevisivelmente atacado pelo inimigo, levando os republicanos a pior, derrotados ficaram aqueles invencíveis corpos dos liberais, que jamais perderam alguma ação, por desigual que fosse.

DEFESA DE CANABARRO PELA AÇÃO DE PORONGOS

Destas derrotas vale fazer menção, porque conhecida por todos a invencibilidade destes bravos, era um tanto suspeita os atos de Canabarro pelas suas freqüentes relações com o Barão de Caxias, surgindo em muitos a dúvida que por traição fosse acontecido aquele caso, mas eu me certifiquei nos mesmo lugares com os chefes republicanos que participaram daquele conflito e com outros também contrários ao Canabarro, e não teve nenhum tipo de suspeita, embora se fale de uma carta, a qual eu não vi, e nem consegui certificar-me da sua existência, posso porém garantir de ter conhecido intacta a honradez de Canabarro entre as pessoas de ambos os partidos, isto vale para conservar o seu crédito.

Nota do editor: *Luigi Nascimbene era italiano. Foi doutor em Física Matemática, engenheiro e arquiteto hidráulico, além de membro da Direção de Pontes e Estradas de Milão. Este trabalho foi realizado por volta de 1850, em Montevidéu, e faz parte de um trabalho bem maior: "História de La América Meridional", publicado em Paris em 1860. Nascimbene veio para Buenos Aires em 1829, permanecendo viajando pela região do Prata até 1854, período em que esteve no Rio Grande do Sul, época da Revolução Farroupilha, quando pode observar aquela revolução e escrever sobre ela. A tradução foi feita pelo Irmão Elvo Clemente, da PUCRS, e a obra foi publicada pelo Governo do Estado do RS, com a parceria do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), em 2002..*

Luiz Ernani Caminha Giorgis (Organizador e Editor)
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com